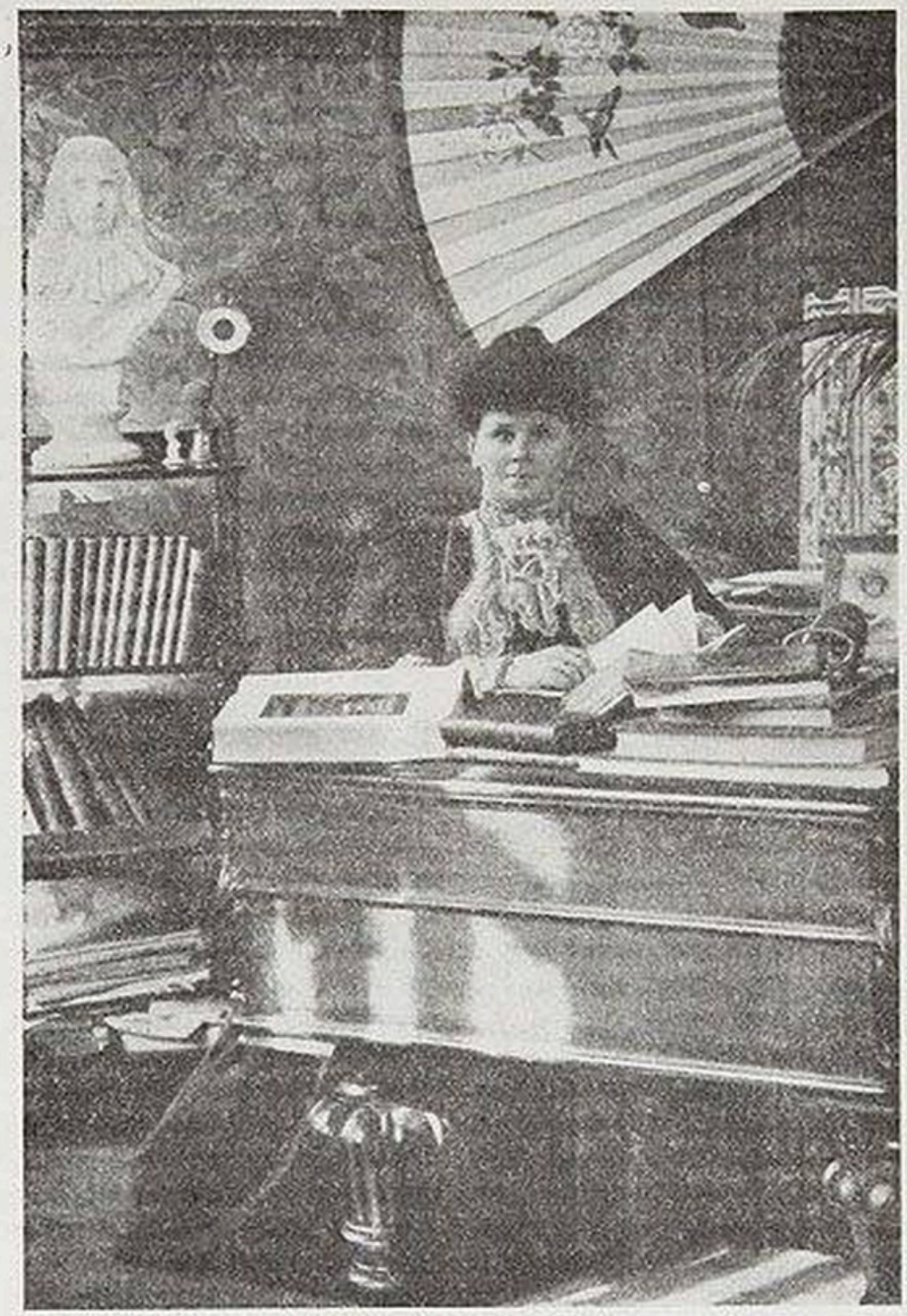

В. И. Крыжановская.

(РОЧЕСТЕРЪ).

Vera Ivanovna Kryzhanovskaya nasceu em 2 de junho de 1857 (ou segundo a nova datação, em 14 de junho), em Varsóvia, onde seu pai, o Major General de Artilharia Ivan Antonovich Kryzhanovsky, comandava uma brigada de artilharia. Seu pai era de uma antiga família nobre da província de Tambov, e sua mãe, Aurelia Grigoryevna, era filha de um farmacêutico. Ela foi educada em casa e passou sua infância em São Petersburgo.

A futura escritora recebeu uma boa educação em casa. Os livros eram tidos em alta estima na família Kryzhanovsky. E desde a infância, Vera Ivanovna se interessou por história antiga e ocultismo. Ela era uma menina muito doente e, como ela mesma admitiu, acreditava sinceramente que misteriosas forças cósmicas a protegeriam do mal e da doença.

Em 1871, a família sofreu um duro golpe: devido ao empobrecimento da família, seu pai cometeu suicídio. Com a morte do pai, a família se viu em uma difícil situação financeira. Mas a intensa autoeducação e o trabalho criativo com escassez material prejudicaram sua saúde - desenvolveu uma doença pulmonar, que ao mesmo tempo contribuiu para o surgimento de uma sensibilidade especial à percepção. Com muita dificuldade Vera foi colocada sob os cuidados de uma associação beneficente, a Sociedade Educacional para Donzelas Nobres de São Petersburgo. No ano seguinte, 1872, ingressou, como bolsista, na Escola de Santa Catarina de São Petersburgo (Instituto Catarina), mas diagnosticada com tuberculose foi impedida de concluir o curso completo, e, em 1877, deixou o instituto, continuando seus estudos em casa.

No entanto, Vera não cresceu como uma reclusa; ela frequentava bailes na capital, era alegre, bem-educada e espirituosa. Devido aos seus interesses, ela começou a frequentar círculos espiritualistas e ocultistas, que eram abundantes na capital na época. Vera conseguiu surpreender os presentes com seu profundo conhecimento de história e antigos rituais mágicos. Já naquela época, ele era capaz de citar os tratados das grandes figuras do ocultismo e do espiritismo, Gérard Encausse, conhecido como Papus, e Allan Kardec, e estava familiarizado com as obras teosóficas então pouco conhecidas de Helena Blavatsky. Diziam que Vera Kryzhanovskaya demonstrava habilidades de clarividência e mediunidade.

A partir dos dezoito anos, Vera Ivanovna começou a se aventurar na literatura. Em 1880, ela partiu para a França, mudou-se para Paris com a filha para melhorar sua saúde, onde se apresentou com sucesso em sessões espíritas como médium, participando das atividades dos círculos ocultistas parisienses, e... escreveu, escreveu, escreveu. Apesar de sua saúde debilitada, ela completava, em francês, um texto após o outro. Ela lia trechos de seus romances em círculos espiritualistas, e a notícia de seus contos fantásticos se espalhou rapidamente por Paris. Diz-se que era psicografia, ou escrita automática, onde um espírito transmite um texto

para uma pessoa. Segundo Vera, ela foi contactada pelo Conde de Rochester, o espírito do poeta inglês John Wilmot (1647–1680), que lhe enviava suas obras.

Um dos biógrafos da escritora, Blazej Vlodarz, nos relata sobre o primeiro encontro com seu mestre e patrono invisível: “Ele materializou-se, aproveitando os dons mediúnicos da própria Vera Ivanovna, e propôs que ela se dedicasse de corpo e alma a serviço do Bem e que escrevesse sob sua orientação”. Disseram que após o contato com seu guia espiritual, Vera aparentemente curou-se de uma doença grave na época – a tuberculose crônica – sem interferência médica.

V. V. Scriabin descreveu como os romances de Vera nasceram: "Muitas vezes, durante uma conversa, ela simplesmente ficava em silêncio, ficava um pouco mais pálida, passava a mão no rosto e começava a repetir a mesma frase: 'Rápido, papel e lápis!'" Geralmente, nessa hora, Vera sentava-se numa poltrona junto à uma pequena mesa, onde quase sempre havia um lápis e um bloco de papéis. Sua cabeça ficava levemente jogada para trás e os olhos, semicerrados, concentravam-se num único ponto. De repente, ela começava a escrever, sem olhar para o papel. Era uma verdadeira escrita automática, o estado de transe durava de 20 a 30 minutos, após os quais Vera Ivanovna frequentemente caía em estado de inconsciência. Cada vez que a transmissão escrita terminava com a assinatura “Rochester”.

Conforme Vera, esse era o nome (ou melhor, o sobrenome) do Espírito que ela recebia.” Apesar de muitos biógrafos e críticos afirmarem que sua escrita era puramente mediúnica e mecânica, como o doutor A. Aseev e L. Sokolova-Rydnina, outros preferiam considerar Vera como escritora ou coautora dos livros do que como simplesmente médium. De qualquer forma, desde as primeiras mensagens já aparecia a assinatura do espírito Rochester. Na Rússia e em vários países, muitos consideram Rochester somente como um pseudônimo ou como sobrenome de Vera. Já nos títulos dos primeiros livros de Vera Ivanovna o misterioso autor “Rochester” era listado, mais frequentemente, porém, com um hífen após o sobrenome real do autor: Vera Ivanovna Kryzhanovskaya-Rochester.

Blazej Vlodarz, um de seus biógrafos, nos diz que, na verdade, Rochester não é um pseudônimo para Vera Ivanovna Kryzhanovskaya, mas um coautor de seus romances” (B. Vlodrazh. Vera Ivanovna Kryzhanovskaya-Rochester // Ocultismo e Yoga. Edição 25. Assuncion, 1961, p. 32).

Por um período com residência provisória em Paris, até 1890, Vera produziu uma sequência de romances históricos: em 1886, o primeiro livro de Vera Kryzhanovskaia foi publicado em Paris – o romance histórico “Episode de la vie de Tibere” (na tradução russa “Episódio da vida de Tibério”, 1906). "O Faraó Mernephtah", "Abadia dos Beneditinos", "Romance de uma Rainha", "O Chanceler de Ferro do Antigo Egito", "Herculanum", "O Sinal da Vitória", "Noite de São

Bartolomeu", entre outros, que chamavam a atenção do público não somente pelos assuntos cativantes, mas pelas tramas emocionantes.

Muitos contemporâneos notaram sua incrível capacidade de trabalhar, dada sua saúde precária. Vale ressaltar que Vera Ivanovna, sendo fluente em francês, escreveu todas as suas obras exclusivamente em francês, e só então elas foram traduzidas para o russo.

Testemunho semelhante pode-se encontrar nas “Anotações literárias” de M. Spassovsky: “No estado inconsciente, ela sempre escreve em francês... escritos são traduzidos para o russo e, criteriosamente, redigidos ou pela própria autora ou por uma pessoa de sua confiança.” (M. Spasovsky. Notas lit. // “Veshnie Vody”, 1916, livro 7–8, p. 145).

No idioma francês ficou conhecida como Wera Krijanowski.

Vera atraiu a atenção de um importante dignatário da Corte Imperial e com quem se casaria em 1880. Era Sergei Valeryanovich Semenov. Semenov era funcionário da Chancelaria de Sua Majestade Imperial, sendo nomeado, desde 1904, a "kamerguer" e conselheiro de estado. Ele participou ativamente da carreira literária de sua esposa: esteve envolvido na tradução de suas obras do francês para o russo e na organização de sua publicação.

Semenov era um espiritualista muito conhecido na sociedade e chefiava a Sociedade de Pesquisa Psíquica de São Petersburgo.

Entretanto, antes de conhecer Semenov, Vera já era uma poderosa médium e em suas sessões espíritas reuniam-se famosos médiuns europeus e eram frequentadas até pelo, então, príncipe Nikolai Alexandrovich, futuro Czar Nicolau II.

De acordo com memórias contemporâneas, ela previu o trágico destino que aguardava o herdeiro do trono, Nikolai Alexandrovich, no acidente de "Khodynka" (local da execução do Czar e da família real Romanov).

Casada, assume o nome de Vera Ivanovna Semenova. Logo, nascia uma filha, Tamara Sergeevna Semenova (1886? - 1932, Berlim).

Com a revolução tudo desmoronou. A guerra civil trouxe o infortúnio: a morte de seu marido, e, depois, as peregrinações com sua filha. Não aceitando a revolução russa de 1917, na qual seu marido Semenov havia sido preso e morto na prisão "Kresty". Após a revolução, fugiu da Rússia Soviética, 1920(?), emigrou para a Estônia. Vera Ivanovna se viu com sua filha em Revel (Tallinn) sem quaisquer meios de subsistência. A mudança para Tallinn não mudou sua situação trágica e desastrosa.

.

Lá ela quase já não escrevia, faltavam meios para a edição dos livros. Todavia, em 1921, Vera fez publicações no jornal "Poslednie Izvestia" (Últimas Notícias) de Tallin e no jornal "Narvsky Listok". Por mais de dois anos, teve de trabalhar na usina madeirense "Forest", onde o trabalho físico acima de suas forças afetou sua saúde. Não tinha dinheiro nem para editar um livro e nem para viver normalmente.

Um senhor polonês que conheceu pessoalmente a médium relatou, há muitos anos, que ela foi rica e tinha até secretária. Encontrou-a, certa manhã, a recolher imensa quantidade de folhas de papel, ajudada pela secretária, inclusive caindo pelas escadas, repletas de palavras em péssima caligrafia, que ela havia escrito durante a noite toda em completo estado de inconsciência ou sono profundo. Vera não se lembrava de nada e colocava as folhas em ordem, decifrando o que estava escrito. Ocorriam, também, fenômenos físicos em sua casa e que muito impressionavam os amigos. Havia um espírito que se materializava na presença dela e prometia destruir sua vida, caso não parasse de publicar seus romances. Às vezes ocorriam explosões e objetos despencavam ao solo sem causa aparente. Esse mesmo senhor viu Vera na miséria percorrendo as ruas. As tentativas de publicação de livros terminaram em completo fracasso.

Em grandes dificuldades, a escritora faleceu em completa miséria no dia 29 de dezembro de 1924, de tuberculose, nos braços de sua filha, sendo sepultada no Cemitério Alexander Nevsky (hoje parte do atual Cemitério de Siselinna), na cidade de Tallinn, capital da Estônia.

"Ela faleceu num pequeno e humilde cômodo, sobre uma velha cama de ferro. Somente duas pessoas estavam presentes em seus últimos momentos, a filha Tamara e um amigo fiel de sua casa". (Vs. Nymtak. Recordações. Tallin, 1935. Cit. sobre "Ocultismo e Yoga", 1961, p. 44).

Segundo artigo do médico municipal, Dr. Fedorov, "(...) fico estarrecido com a frieza e indiferença com que a comunidade russa encarou os sofrimentos de uma escritora também russa que se encontrava numa situação material sem saída. É duro acreditar que uma famosa escritora russa não tinha sequer sua própria camisola... Considero como obrigação moral registrar a indiferença que grande parte da sociedade demonstrou em relação à doença e à extrema penúria da escritora Vera Ivanovna Kryzhanovskaya e também atestar a sensibilidade e a caridade da organização estoniana "Associação de luta contra a tuberculose". Essa organização abriu, por iniciativa própria, um crédito mensal de 2000 marcos para a escritora para a compra de produtos alimentícios numa mercearia próxima e o fornecimento gratuito de lenha de fogão. O mesmo pode-se dizer do departamento municipal de desenvolvimento que, após a morte de Vera Ivanovna, expediu imediatamente uma quantia de dinheiro para aquisição de um caixão e uma cruz decentes. O túmulo também foi oferecido gratuitamente. Também apareceu um

padre que executou gratuitamente o rito fúnebre..." ("Poslednie Izvestia", 5 de janeiro de 1925).

Após sua morte, seus livros continuaram a ser reeditados, principalmente em Riga, na Letônia, pela sociedade esotérica daquela cidade, e em Berlim até meados dos anos 30. É possível ainda encontrar alguns deles em edições recentes, dos dois últimos decênios. Além dos originais franceses e russos, alguns de seus livros foram traduzidos para vários idiomas, como o letão, lituano, esloveno, alemão, inglês, espanhol, polonês, tcheco e grande parte para o português.

Em mais de 30 anos de trabalho, Rochester criou através de Vera Kryzhanovskaia mais de 80 obras, entre novelas e contos, mas, infelizmente, muitas edições e publicações foram praticamente perdidas devido aos acontecimentos que sucederam à revolução russa. Surpreendentemente, após 75 anos da morte da memorável médium escritora, seus livros começam a ressurgir e os russos - e todo o mundo - começam a redescobrir seus preciosos trabalhos, os quais retornam aos leitores.

John Wilmot, Conde de Rochester, assumiu perante a Espiritualidade a missão de divulgar e solidificar a doutrina espírita, revelando ao mundo material as leis que regem o universo, elucidando e desmistificando, assim, os mistérios da então nascente doutrina. Para tanto, preparou desde cedo a jovem médium Vera Kryzhanovskaya, espírito querido e afim, que serviria de intermediário na execução de sua importante tarefa.

Ambos estiveram juntos em várias encarnações: como Asnath e José, em “O Chanceler de Ferro”; Smaragda e Mernephtah, em “O Faraó Mernephtah”; Lélia e Astartos, em “Episódio da Vida de Tibério”; Virgília e Cáius Lucílius em “Herculanum”; Rosalinda e Lotário de Rabenau, em “A Abadia dos Beneditinos”.

Curiosamente, até então, escassas eram as informações a respeito da notável médium russa, provenientes principalmente de revistas francesas do final do século XIX. Porém, novas biografias foram recentemente localizadas na Biblioteca Nacional Russa, sediada em São Petersburgo, além de artigos encontrados na Internet, como o ensaio de Evguêny Kharitonov.

O crítico V. P. Burenin, elogiando o romance "A Rainha Hatasu", observava que "madame Kryzhanovskaya" conhecia o cotidiano dos antigos egípcios "talvez melhor do que o famoso romancista histórico Ebers" (jornal "Novoe Vremia", 13 de janeiro de1895), o que não contradiz a verdade. Os livros escritos pela médium conseguiam reproduzir com surpreendente fidelidade o espírito da época histórica descrita nos romances e eram abundantes em detalhes interessantes. Além de romances históricos, Vera também escreveu romances de ficção científica no sentido moderno, sendo a primeira na Rússia neste gênero.

Pelo romance "O Chanceler de Ferro do Antigo Egito" a Academia de Ciências da França concedeu-lhe o título de *"Officier d'Académie"* (Oficial da Academia Francesa) e, em 1907, a Academia de Ciências da Rússia lhe concedeu a "Menção Honrosa" pelo romance "Os Luminares Tchecos".

Entretanto, embora muitos leitores apreciem os melodramas descritos nas relações amorosas, os chavões literários nas descrições dos personagens e o linguajar simples, embora exótico, a crítica séria sempre ignorava suas obras, como Gorky, no artigo "A Literatura do Vanhka" de 1899, citando que as mesmas eram orientadas ao leitor de pouca cultura, com preferências para diversão e sensacionalismo. Mas, os críticos jornalísticos encontravam em seus romances "um colorido brilhante, vida e precisão da base histórica" (A. P-v. - "Iuzh. Kray", 1894, 6 de fevereiro). Segundo avaliação de Helena Ivanovna Rerikh, "ela, indubitavelmente, merece respeito, pois seus livros trouxeram algum bem. Também é indubitável que a sua série "Os Magos" é incomparavelmente mais talentosa e rica em informações corretas do que as obras de muitos romancistas ocultistas posteriores". (Cartas de H.I. Rerikh, 1940, tomo 2, p. 134).

Paralelamente ao ciclo histórico, Vera iniciou a psicografia de livros com temas "ocultistas-cosmológicos" (segundo definição da própria autora), tornando-se a primeira representante da literatura de ficção científica e a única do romance ocultista na Rússia. Ocupando essa posição isolada na literatura, seus livros eram publicados no jornal "Svet", e mais tarde nos jornais "Mosk. Ved.", "Novoe Vremia", "Rus. Vest.", "Rodina" e "Pamsky Mir".

O tema principal nesses livros era a luta universal entre as forças divinas e satânicas, a interdependência das forças ocultas no ser humano e no Cosmo, os segredos da matéria original. A linha espiritual de ficção científica firmou-se nos romances seguintes, como "O Castelo Encantado", "As Duas Esfinges", na trilogia "O Terrível Fantasma", "No Castelo Escocês" e "Do Reino das Trevas", e abriu-se em todo seu esplendor na série mais popular da escritora - a pentalogia "Os Magos", que inclui os romances "O Elixir da Longa Vida", "Os Magos", "A Ira Divina", "A Morte do Planeta" e "Os Legisladores".

No prefácio da versão original russa de "O Elixir da Longa Vida", Vera dizia que a série "foi escrita em forma de romance com o objetivo de facilitar a um grande círculo potencial de leitores o aprendizado dos princípios da ciência oculta, que são de difícil assimilação, abstratos e, por vezes, nebulosos".

Naturalmente, com os conhecimentos atuais, muitos fatos descritos e narrados nos romances psicografados por Vera parecem inocentes e pueris. Entretanto, essa pentalogia está cheia de temas e ideias interessantes, com ênfase na luta entre o Bem e o Mal, não só no mundo cósmico e da natureza, mas também no meio social, condenando rigidamente a exploração, a degradação moral e a decadência da fé na

sociedade. Talvez, pela primeira vez na ficção científica mundial, em um romance foi descrito o método de teletransporte como meio de transporte no espaço. As naves espaciais chamaram a atenção do professor N. Rynin, autor da enciclopédia capital "As Viagens Espaciais". Devemos salientar que o romance "A Morte do Planeta" é emocionalmente uma poderosa antiutopia e deve ser examinado como um romance "aviso de alerta". Ao ler a história da destruição da humanidade, fica-se surpreendido com que exatidão a escritora pressentiu muitos traços do futuro - o nosso presente -, com que veracidade estão profetizados (e descritos em detalhes) os momentos históricos da Rússia: revolução, destruição dos templos, ditadura e os problemas daquele país e do mundo atual! Na verdade, mesmo hoje em dia, a série "Os Magos" é uma leitura bastante atual que obriga ao pensamento e reflexão.

O romance "No Planeta Vizinho" também refere-se à ficção científica espacial. É uma utopia espacial de um governo ideal em Marte, uma monarquia e uma classe sacerdotal cheia de conhecimentos - semelhante à estrutura do Antigo Egito -, onde vai parar por acaso o herói principal - um terráqueo. O tema "governo ideal" também aparece no romance "Num Outro Mundo", que se passa em Vênus.

Os temas dos livros não eram restritos à história e à ficção, mas também sociais, do cotidiano e de amor, como "Os Reckenstein", "A Feira dos Casamentos" e "A Teia", este, político e pró-monarquista. É importante salientar que os primeiros filmes russos foram baseados nas novelas de Rochester "Cobra Capela", "A Flor do Pântano" e "O Paraíso sem Adão".

Vera Ivanovna Kryzhanovskaya é historicamente a primeira escritora de ficção científica na literatura mundial e, certamente, a primeira escritora profissional de ficção científica na Rússia. A referência à ficção científica por Mary Shelley, a criadora do famoso “Frankenstein”, é fragmentária, e o geralmente reconhecido “primeiro” profissional nacional de ficção científica (com este termo queremos dizer um escritor cujo trabalho está inteiramente ou quase inteiramente no mainstream da ficção científica) A. R. Belyaev estreou no gênero apenas um ano após a morte de V. I. Kryzhanovskaya.